

Parte II - Estudos Empíricos

11. As manifestações de junho, 2013: espalhamento e recriação midiática

Eloísa Joseane da Cunha Klein

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

KLEIN, E.J.C. As manifestações de junho, 2013: espalhamento e recriação midiática. In: BRAGA, J.L., RABELO, L., MACHADO, M., ZUCOLO, R., BENEVIDES, P., XAVIER, M.P., CALAZANS, R., CASALI, C., MELO, P.R., MEDEIROS, A.L., KLEIN, E., and PARES, A.D. *Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2017, pp. 281-316. Paradigmas da Comunicação collection. ISBN: 978-85-7879-572-6.
<https://doi.org/10.7476/9788578795726.0012>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

11. As manifestações de junho, 2013: espalhamento e recriação midiática

Eloísa Joseane da Cunha Klein

1. Introdução

Os dispositivos são lugares de observação que permitem estudar o “sistema de relações” na comunicação social (Braga, capítulo 1), que variam de acordo com as circunstâncias e as características do processo social. Os dispositivos interacionais auxiliam no estudo de casos variados, possibilitando tecer suas lógicas em comum assim como sua diversidade. Podemos analisar como dispositivos de espalhamento e recriação midiática aqueles relacionados à divulgação de um acontecimento social, com ações variadas, que podem incluir crítica, adição de comentários e experiências pessoais, mistura de conteúdos midiáticos com outros conteúdos (sejam estes imagens, textos, vídeos, produzidos dentro do circuito das mídias produtoras de conteúdo ou fora delas, por indivíduos comuns, não profissionais), bem como a realização de ações convocatórias de participação nos episódios relativos a tal acontecimento – ainda que a partir de sua propagação informativa.

Com foco nessa diversidade, refletimos sobre elementos heterogêneos que caracterizam tais dispositivos, mas que, por questões pragmáticas, “desenvolvem sistemas de relações perceptíveis na conjuntura social” (Braga, in Bruck e Jesus, 2012). As regras deste sistema

de relações são socialmente pensadas e tentadas em episódios comunicacionais, que podem ser recuperados, com a finalidade de análise. Para fins deste capítulo, recuperamos episódios comunicacionais desenvolvidos no entorno das manifestações de junho de 2013, no tocante aos aspectos da circulação de conteúdos no Facebook. Para tanto, partimos de circuitos difusos, recebidos via córrego, no “Feed de Notícias” e da leitura de postagens das páginas (Fan Pages) do Movimento Passe Livre (MPL), organizador primeiro das manifestações, e do Estadão¹⁰⁴, jornal que utiliza intensamente mídias de produção colaborativa de conteúdo na internet, como o Facebook. Consideramos, ainda, os comentários relativos a estas postagens.

A partir destes episódios comunicacionais, observamos características dos dispositivos interacionais, socialmente construídos na forma de matrizes, produzindo regularidades sobre o modo como interagimos. Essa angulação mais geral é o que nos permite pensar na presença de dispositivos de espalhamento e de recriação (sendo que as duas lógicas funcionam conjuntamente). Analisamos também singularidades presentes nos casos analisados, uma vez que dispositivos são modificados socialmente, no momento em que uma situação de interação está em desenvolvimento. Estas singularidades nos permitem desenvolver tensionamentos críticos aos aportes teóricos invocados para o estudo destes fenômenos contemporâneos, relativos à produção de conteúdos fora da mídia corporativa e de suas lógicas de compartilhamento (possibilidade garantida por

104 A escolha do Estadão se justifica sob dois ângulos: a capital de São Paulo registrou o evento que resultou na ampliação das mobilizações de rua (a violenta repressão policial, com saldo de feridos incluindo jornalistas, e a comoção social resultante); e o expressivo índice de compartilhamentos de materiais publicados nesta página no Facebook (Silveira; Pimentel, 2013). A análise da página do Movimento Passe Livre é realizada com o objetivo de contemplar a evolução do acontecimento, já que a página fazia confluir assuntos de todo o país e divulgava convocatórias para os protestos. Nas duas páginas, são considerados conteúdos de postagens e comentários.

ferramentas que permitem o envio de dados de muitos para muitos, em uma rede de contatos ou mídia social). Podemos estudar as táticas de espalhamento observando os modos como os conteúdos se dispersam, seja em conexão com ações da mídia corporativa, seja em contraposição a estas.

Constatamos, em estudos anteriores, que há uma aprendizagem social constante na percepção e no acionamento das mídias, que se relaciona com o tipo de público prefigurado pelo jornalismo em sua contínua transformação (Klein, 2012). Nessas matrizes de aprendizagem social e crítica, observamos alguns padrões e regularidades socialmente utilizados e perceptíveis pela análise do telejornalismo e suas reverberações, tais como a projeção da relação do corpo em interações com o jornalismo, a adequação da entrevista, a adoção de características e lugares de fala relativos a entrevistador e entrevistado, a análise crítica do conteúdo jornalístico (compreendendo o espaço das ausências e também da edição de conteúdos), a utilização de padrões estilísticos e de entretenimento relacionados às produções midiáticas.

Tais aprendizagens e tensionamentos midiáticos se ampliam com a possibilidade de produzir e publicar, que é estendida potencialmente a qualquer pessoa com dispositivos digitais e acesso à internet – o que Lemos (2005) chama de “abertura da emissão”, ou “emissão generalizada”. Esta “abertura” já se apresentava como uma transformação significativa no panorama das comunicações midiáticas, mas o quadro se complexifica com a transformação dos ambientes digitais em redes, “envolvendo o usuário em plena mobilidade” (Lemos, 2005, p. 2). A centralidade da circulação (Braga, 2006) nos processos comunicacionais contemporâneos provoca afetações na mídia e no modo como pensamos os processos de midiaticização das atividades sociais. A crítica da mídia é realizada concomitantemente à experiência da mídia; a produção

de conteúdos informativos e de entretenimento passa ao domínio comum – e a própria dimensão da circulação e da dispersão passa a compor as bases destas produções.

Observamos, como ampliação da crítica da mídia, que a sociedade desenvolve diversificados dispositivos, como os dispositivos de espalhamento sobre um acontecimento socialmente vivido, aqui tratando-se das manifestações de junho de 2013. Observamos, nesse estudo, um circuito crítico amplo, que conta com o acervo das Páginas de Facebook acima mencionadas (analisadas desde o dia do primeiro ato, 1º de junho, até o dia 20 de junho, dia de grandes mobilizações em todo o país). Considerei, ainda, o registro das atualizações recebidas no meu próprio perfil do Facebook (com o objetivo de observar um possível fluxo de informações e comentários, da maneira como ele se apresenta em um perfil acompanhado em tempo real). Tal registro foi realizado durante a noite do dia 13 de junho, quando houve intensa repressão policial às manifestações em São Paulo, o que mudou o curso do evento; e durante o dia 14 de junho. A este registro pessoal, são agregadas reflexões acadêmicas desenvolvidas no período das manifestações.

Observamos que não ocorre, na situação, uma negação do jornalismo, mas um tensionamento crítico a partir da divulgação de informações de outras fontes, da adição da experiência pessoal e da ativação de conteúdos variados. Algumas destas características são amplamente evidenciadas em outros estudos sobre midiaticização, como a observação de que o jornalismo disputa o testemunho, a organização discursiva e a atualização do acontecimento com outros atores e instituições (Fausto Neto, 2008b). Parece-nos relevante observar que a pressão imediata por comentários, textos, conteúdos humorísticos e divulgação de imagens, relatos e vídeos constrói, concomitantemente ao jornalismo, o próprio acontecimento e sua abordagem jornalística. Este aspecto evidencia a centralidade da

circulação nos processos comunicacionais da sociedade em media-tização (Braga, 2007).

A condensação teórica do termo “espalhamento” aparece no livro “Spreadable Media” (Jenkins; Ford; Green, 2013) e se refere à mudança no ambiente midiático, tendo em conta que o modo como a mídia circula perde o centro de referência nas ações de distribuição das empresas e passa a depender de ações de pessoas que vão alimentar circuitos informativos a partir de várias formas de conteúdo. Este movimento é caracterizado por uma dispersão muito rápida de conteúdos via redes formais e informais, conectadas pela internet, na maioria das vezes em ações não coordenadas e até não autorizadas por alguns dos detentores dos direitos de autoria.

A capacidade de disseminar-se rapidamente via redes digitais (que são tecnológicas e sociais) é tomada como “espalhamento” – o que vai se tornar um elemento central almejado pelos negócios de mídia, que passam a tratar do termo “engajamento” para caracterizar o momento em que pessoas selecionam a opção “gostar” de um conteúdo, comentam ou passam adiante, entre seus contatos. Todas estas ações são valorizadas pelo sistema de ranking de informações do Facebook, com o que a possibilidade de um conteúdo midiático ser visto se torna muito maior. Ao propor o conceito, os autores pretendem possibilitar uma ferramenta da análise das formas de engajamento, participação, criação de valores, fluxos que atravessam o fenômeno (Jenkins; Ford; Green, 2013).

Cabe notar que neste texto, trazemos o conceito de espalhamento enriquecido pela discussão conceitual da centralidade da circulação nos processos de mediatização (Braga, 2006; 2011b; 2012b), quando consideramos que a própria lógica da circulação modifica aspectos dos dispositivos interacionais (idem) e passa a reconfigurar o tipo de conteúdo que faz parte da construção de circuitos informacionais (Klein, 2013).

A crítica midiática faz parte da própria organização do acontecimento e atua na definição dos rumos seguidos pelo jornalismo em uma cobertura dinâmica, que se altera todos os dias. Observamos que as lógicas de espalhamento e recriação presentes nas abordagens coletivas sobre as manifestações também fazem parte de um movimento de contestação da cobertura midiática: contra a cobertura limitada em tempo e tipo de enquadramento, a dissipação de assuntos relacionados às manifestações rapidamente se coloca como uma contrainformação e ação convocatória da participação nos movimentos.

2. Tessituras das manifestações de junho no jornalismo e fluxos informativos em rede

Os reajustes das tarifas do transporte público são anuais e, em São Paulo, são previstos para o início do mês de junho de cada ano. Embora sempre tal reajuste ocasione reclamações e alguns protestos organizados, em 2013, certos elementos contribuíram para que essa tensão transbordasse para a organização de vultosas manifestações sociais. Com organização em várias partes do Brasil, o Movimento Passe Livre marcou um ato público para o dia 1º de junho de 2013, em São Paulo, data em que as passagens de ônibus passaram de R\$3,00 para R\$ 3,20. O MPL contou com a adesão e auxílio de outros movimentos e partidos de esquerda, além da organização de atividades em escolas, junto ao Movimento Estudantil. No segundo protesto, em 7 de junho, as ruas do centro de São Paulo já eram tomadas por cinco mil pessoas, segundo a Polícia Militar. Em 11 de junho, no terceiro protesto, eram 10 mil pessoas, que tomavam as ruas com faixas, cartazes e longas marchas.

Com a ampliação dos participantes, os protestos se tornavam a principal pauta das postagens das páginas de empresas jornalísticas,

no Facebook, e das manchetes de capa dos jornais impressos e telejornais. Em sua página no Facebook, o Estadão publica a foto de capa da edição impressa, com manchete que analisa os problemas causados pelos protestos: “protesto fecha a Marginal e lentidão chega a 226 km”. Até a terceira mobilização, os textos jornalísticos privilegiam as informações sobre as ruas trancadas e consideram a ação da polícia como resposta às manifestações, sendo o clima de tensão acentuado. “Protesto contra aumento da tarifa de ônibus e metrô interdita completamente Marginal do Pinheiros no sentido Castelo Branco. Tropa de Choque foi acionada e joga bombas de efeito moral para conter manifestação” (Estadão, 7 de junho de 2013, Facebook). As fotos da matéria mostram jovens com instrumentos de percussão e bocas abertas, com cartazes e câmeras na mão.

O tom é bastante diferente na página do Movimento Passe Livre São Paulo¹⁰⁵. A principal utilização da página neste período é para ação convocatória de mobilizações. Estas postagens associam o chamamento à participação nos atos com informações sobre atividades acontecidas anteriormente em outras cidades, como Natal (RN) e Porto Alegre (RS), onde, depois de meses de mobilizações, as tarifas baixaram. São disseminadas informações sobre os custos do transporte na cidade de São Paulo e algumas notícias de empresas jornalísticas são compartilhadas. Há fotos de atividades realizadas, como caminhadas em bairros, queima de catracas, entrada em esta-

105 Apesar de o movimento afirmar que não tinha representantes, entrevistados fornecem informações relativas à uma organização de longa data e repetem aspectos políticos de forma orquestrada, como a definir um tom deliberativo precedente às declarações dos indivíduos que concedem entrevistas. Em entrevista à TV Estadão, membro do MPL enfatiza organização permanente do grupo, desde 2005, confirma aproximação com outros movimentos sociais e partidos de esquerda, declara que a redução da tarifa é a “demanda clara, única, específica”, repetindo texto contido no Facebook.

ções de trens, ações em frente às escolas, interrupção temporária de vias com queima de objetos. Todas estas atividades são caracterizadas pela página como “a luta contra o aumento”. Através das postagens, podemos ter acesso a outros circuitos de divulgação do convite às manifestações (chamadas pelo MPL como “grandes atos”), como cartazes em paredes e muros, faixas em pontes e passarelas, fotos de mobilizações anteriores, nas quais podem ser lidas faixas dizendo: “R\$3,20 é roubo” e convidando para o ato principal. O número de curtidas nas postagens aumenta em junho, quando também são adicionadas fotos dos protestos já realizados, mantendo-se o teor convocatório.

As pautas estimuladas pela comunicação do MPL são progressivamente desenvolvidas pelo jornalismo – o que também tem relação com a complexificação temática e abertura do eixo em grandes coberturas. A pauta sugerida pelo nome do movimento, “Passe Livre”, passava a ser desenvolvida em entrevistas, pesquisas e referências a outros lugares em que o objetivo havia sido conquistado. Em outra postagem do Estadão, um trecho de fala do prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, trazia o índice de que “zerar a tarifa exigiria R\$ 6 bilhões” (Estadão, 8 de junho de 2013). O jornalismo, em ação de mediação, coloca textualmente atores sociais em contato, com repercussão das falas do movimento e do prefeito, e com publicação de respostas e ponderações.

Na página do Estadão, no Facebook, embora as postagens sejam sobre o congestionamento causado pelos protestos, os comentários mais curtidos são favoráveis ao movimento: “Se o protesto tem fundamento ou não, eu não sei. Mas eu sei que essa forma de protesto é a única que funciona”. Alguns comentários fazem referência à ocupação das vias e ações de destruição de patrimônio: “Deveriam protestar na porta da prefeitura e não atrapalhar o descanso de quem trabalhou a semana toda”. Alguns

comentários expressam o olhar do participante, em crítica à violência policial: “violência contra as pessoas como se fossem bandidos fazendo arrastão, impedindo a manifestação até então pacífica, isso é AUTORITARISMO, sr. prefeito!”. Em outros casos, o lugar de participante é ressaltado: “não adianta botar a polícia para bater, não vamos parar!”.

Assim como a pauta do MPL tensiona o jornalismo, o movimento circula as informações jornalísticas que convergem com suas análises e ações. Em 12 de junho, o MPL publicou no Facebook a notícia do portal UOL com a manchete: “Aumento de R\$0,20 na passagem obriga paulistanos de baixa renda a pular refeições”. Adesões ao movimento, em diferentes locais do mundo, são reproduzidas na página do movimento.

Na página do MPL no Facebook, com as mobilizações em curso, comentários críticos da cobertura midiática começam a ser postados. As falas de autoridades políticas também passam a ser criticadas: “O sr. Governador mandou um recado pra gente direto de Paris: interrupções no trânsito serão tratadas como ‘casos de polícia’(...). E o que a gente diz pra ele? HOJE SERÁ MAIOR! Vem pra rua”. Antes de virar meme na internet, a chamada “vem para a rua” (slogan comercial da Fiat no ano de 2013, em alusão à Copa do Mundo de 2014) já aparecia nas chamadas do MPL.

No dia do terceiro ato convocado pelo MPL, 11 de junho, o site do Estádio foi usado para a cobertura instantânea da ocupação das vias, com chamadas no Facebook. É possível acompanhar os passos da marcha sendo realizada. Postagens de poucas linhas, na lógica da cobertura minuto a minuto, atualizam o número de participantes do protesto, prisões, vias ocupadas, ações de depreciação executadas por participantes da manifestação (e tentativa de controle por outras pessoas), uso de gás lacrimogêneo e balas de

borracha pela polícia e dispersão da marcha. Fotos, vídeos e mapas são usados para compor a linguagem do texto.

Na página do MPL, no Facebook, conta-se a história de uma marcha que seguia por uma via, foi recebida com repressão pela polícia, se reagrupou e seguiu por outra via, até a Avenida Paulista. “Ao invés de garantir para a manifestação um final pacífico, no vão do MASP, a polícia arrancou brutalmente os manifestantes, obrigando-os a se dispersar. Mas não sairemos das ruas enquanto a tarifa não baixar!”. No Estádio, falas de representantes do MPL ou de pessoas identificadas com as mobilizações assinalam que as ações de violência ocorreram após a repressão policial. Membros do MPL passam a ser chamados para entrevistas e, dentro da generalidade do movimento, aparecem rostos. Ocorre a divulgação da data dos protestos, em São Paulo, e o Estádio noticia cidades em que o Passe Livre começa a ser implementado.

Conforme dados de dano ao patrimônio se tornam de domínio comum e são divulgados com fotos da manifestação de 11 de junho, nos comentários das postagens mais pessoas se manifestam a favor e poucas pessoas opinam de forma contrária aos protestos. A crítica da mídia aparece como oposição à seleção de fatos e começam a ser postados *links* chamando para matérias alternativas. O texto jornalístico abriga viés contrário ao dos comentários, a partir da fala de representantes políticos da Câmara de Vereadores da cidade.

SP: Manifestantes ‘são marginais, delinquentes. Só tinha baderneiros, quase assassinos’, diz vereador Andrea Matarazzo (PSDB). Parlamentares transformaram sessão desta quarta-feira em ato de repúdio a protestos. Entre 55, só um defendeu (Estádio, 13 de junho, Facebook).

O Movimento Passe Livre é tratado como instituição organizada, pela mídia e pelos governos. É o que faz com que haja medidas para cobrar a responsabilização do MPL pelas consequências das

atividades de rua (Estadão, 8 de junho de 2013). Nos protestos envolvendo milhares de pessoas, com ocupação de vias e atos públicos, algumas ações saíram de controle, com atos violentos contra carros, lojas e bancos.

Tomando o exemplo dos atos de violência, os editoriais dos dois maiores jornais de São Paulo exigiram repressão policial mais dura, em 12 de junho de 2013. O Estadão intitulou o editorial como “A hora do Basta: Ou as autoridades determinam que a polícia aja com maior rigor do que vem fazendo ou a capital paulista ficará entregue à desordem”. O teor é similar ao editorial da Folha de S. Paulo, escrito em tom de deboche: “Pior que isso, só o declarado objetivo central do grupelho: transporte público de graça. O irrealismo da bandeira já traz a intenção oculta de vandalizar. (...) É hora de pôr um ponto final nisso”. O Jornal da Globo acompanha o discurso, assinalado particularmente pela coluna de Arnaldo Jabor¹⁰⁶.

Mas afinal, o que provoca um ódio tão violento contra a cidade? Só vimos isso quando a organização criminosa de São Paulo queimou dezenas de ônibus! Não pode ser por causa de R\$0,20 centavos. A grande maioria dos manifestantes são filhos de classe média, isso é visível! Ali não havia pobres que precisassem daqueles vinténs, não. Os mais pobres ali eram os policiais apedrejados, ameaçados com coquetéis molotov. No fundo, tudo é uma imensa ignorância política. É burrice misturada a um rancor sem rumo. Há talvez uma influência da luta na Turquia, justa, contra um islamismo fanático. Mas aqui, se vingam de que? Justamente a causa deve ser a ausência de causas.

106 Os trechos de citação do editorial da Folha de S. Paulo e da coluna de Jabor no Jornal da Globo são buscados em decorrência dos vários compartilhamentos com crítica e recriação destes conteúdos específicos.

Ninguém sabe mais por que lutar. O governo diz que vai tudo bem, apesar dos graves perigos no horizonte, como inflação, fuga de capitais, juros e dólar em alta. Por que não lutam contra o Projeto de Emenda Constitucional 37, a PEC 37, por exemplo? Que será votada no dia 26, no congresso, para impedir o Ministério Público de investigar. Talvez eles nem saibam o que é a PEC 37. A lei da impunidade eterna. Estes caras vivem num passado de uma ilusão. Eles são a caricatura violenta de um socialismo dos anos 1950, que a velha esquerda ainda defende aqui. Realmente, esses revoltosos de classe média não valem nem R\$0,20¹⁰⁷.

Tal é a vinculação entre mídias corporativas e mídias de produção colaborativa de conteúdo, que estas publicações editoriais causaram uma repercussão acelerada de informações, opiniões, declarações, relatos de experiência – postas em circulação em fluxos de rede, como resposta aos editoriais midiáticos. O conteúdo da fala de Arnaldo Jabor é imediatamente disseminado na forma de recortes, comentários, postagens independentes, compartilhamento de vídeo, com críticas, e memes. É o que vemos na síntese que chega por link com a hashtag “Passe Livre”:

A verdade é que qualquer pessoa que não concorde, qualquer uma, JAMAIS teve que pegar um trem lotado por anos seguidos às 18h. (...) E a verdade é que não se trata mais de 20 centavos. O aumento podia ser de 5 centavos. De 2, que seja. Não se trata disso, não é por isso que as pessoas estão na rua, e se você não percebe, te falta sensibilidade, falta civilidade, e falta viver em SP de verdade – sair do seu carro e do metrozinho que

107 Transcrição feita a partir da reprodução do vídeo em canal no YouTube.

you pegar na linha verde e ir morar no subúrbio. Ir viver em outra cidade pra que isso te dê perspectiva (Freitas, 2013).

Esta reverberação em mídias sociais sobre o acontecimento midiaticizado pelo jornalismo repercute no aumento do número de manifestantes, consequente extensão de vias ocupadas, tipos de afetações à cidade, reforçando a cobertura jornalística e o comentário social – com reconfiguração do acontecimento vivido (Henn, Höer, Berwanger, 2012). A isso se adiciona a greve dos trabalhadores dos transportes em São Paulo, no dia 13 de junho, que deixou milhões de pessoas a pé e com dificuldade de voltar para casa. Neste dia, protestos articulados em poucas horas são realizados em São Paulo, no Rio de Janeiro e em outras capitais. O site da prefeitura de São Paulo foi hackeado, e a imagem do *anonymous*¹⁰⁸ apareceu em convocatória para a mobilização. Em decorrência da greve, as matérias principais tratavam da lotação e da espera por ônibus. Em fotos jornalísticas e de indivíduos comuns, máscaras do *anonymous* apareciam em pessoas, nas ruas, com cartazes. O informe sobre a hora e o local da manifestação foi repetido pelo Estadão a cada atualização sobre o assunto, no Facebook. Antes das 16h, o site do Estadão postava o trajeto, com mapa, e atualizava dados sobre a chegada dos manifestantes. Se tal tipo de publicação visa angariar a atenção dos fluxos de compartilhamentos em rede, ao mesmo tempo, esta divulgação minuciosa se coloca ela própria como uma contribuição para o chamamento público aos protestos.

108 O jornalismo tende a se referir ao “Anonymous” como uma organização ou “grupo” de hackers anônimos, que atua invadindo e derrubando sites. Halupka (2011), ao estudar o Anonymous em sua tese de doutorado, entende que se trata de uma “comunidade virtual”, muito embora não haja site ou local organizador de todos os hackers, há um sentido de pertença e coletividade entre pessoas que se consideram parte do Anonymous.

3. Circulação crítica e espalhamento de materiais sobre as manifestações

As manifestações foram largamente documentadas pelos organizadores, pelo jornalismo e pelos participantes. Ao final do dia 13, conforme se evidenciava a repressão dura da polícia aos manifestantes, espalhavam-se fotos e vídeos de pessoas feridas, incluindo jornalistas, confrontos e repressão policial. Vídeos de participantes da manifestação foram divulgados nas mídias sociais e nas corporativas. O saldo final falava em 20 mil manifestantes, muitos detidos e feridos. As cenas flagradas pelo jornalismo, com agressão de policiais a jornalistas e pessoas que protestavam, se espalharam rapidamente.

Em sua página no Facebook, o Movimento Passe Livre pede que pessoas divulguem relatos, fotos e vídeos de agressões sofridas. Publica-se uma imagem com fundo negro, em fonte grande, a inscrição “R\$0,20”, com uma mancha de sangue, seguida pela frase: “não é por centavos. É por direitos”. A imagem teve mais de três mil curtidas e quase cinco mil compartilhamentos. Uma diferença grande contra as poucas dezenas de curtidas e compartilhamentos registrados até os dias anteriores.

A repercussão das imagens e vídeos com a agressão de manifestantes por policiais gera uma onda de comoção. Pessoas de todos os lugares do Brasil compartilhavam vídeos, fotos e relatos de quem estava presente nas manifestações: “Uma bomba de efeito moral explodiu perto do meu amigo”. Foram criadas páginas, Tumblrs (um serviço de microblogging), canais do YouTube para divulgar informações, como um Tumblr denominado: “feridos no protesto de São Paulo”. As fotos, vídeos, histórias compartilhadas nestes espaços passaram a ser noticiados pelo jornalismo, como ocorre

com o vídeo em que um policial bate com um instrumento no vidro do carro, que aparentemente se quebra.

Instituições sociais são chamadas para analisarem as cenas postadas na internet. No Facebook, o acontecimento ganha uma variedade de formas de tratamento. Alguns escrevem pequenos ensaios, procurando as razões que justificam o tipo de ação do movimento e até a violência de alguns atos. “É fato que não dá para protestar sem que os ânimos se alterem, ainda mais quando se está sendo agredido em todos os sentidos”. Em comentários, pessoas discutem em torno dos pontos de divergência entre esta cobertura paralela e o tom do discurso jornalístico empresarial, que os comentaristas percebem como centrado na afirmação de que a polícia agia para conter as manifestações.

Nas fotos e vídeos produzidos a partir dos protestos de rua, a adesão das pessoas ao movimento fica clara pelo uso do próprio rosto na composição de fotos com cartazes dizendo que não se trata de R\$0,20. Se antes o rosto das mobilizações era o rosto dos representantes do MPL, agora há uma diversidade de rostos compondo a defesa da causa da redução da tarifa. Ao tratar das razões além dos R\$0,20, uma série de demandas passa a ser projetada nestes mesmos cartazes, majoritariamente em torno da qualidade do transporte, saúde, educação e ações questionadoras dos gastos com eventos esportivos.

A partir da noite de quinta-feira, 13 de junho, quando são divulgadas informações e comentários sobre os protestos, espalham-se materiais conhecidos como memes, que têm uma capacidade de serem copiados de um para outro, mas ao mesmo tempo sofrendo modificação, agregação de conteúdo. Na internet, estas transformações de conteúdo geralmente são marcadas por humor, contraste de materiais variados, montagem e a ausência de solenidade e de acabamento (Shifman, 2014, p. 2). Durante os protestos,

observamos o espalhamento de memes com caráter informacional, que comentam um fato de grande impacto, aos quais se associam elementos jocosos, como a frase “enfia os vinte centavos no SUS”, em alusão ao dito popular. A experiência de vida também compõe a constituição narrativa de memes: “Vi duas guerras mundiais. E a depressão de 29. Vivi a revolução de 32. Sobrevivi durante a ditadura. ACREDITEM: não é só por R\$ 0,20”, diz cartaz segurado por uma senhora, seguido da assinatura: “Nair, 101 anos”.

Em outros casos, há uma associação entre elementos factuais e elementos da cultura audiovisual contemporânea, como no acionamento de personagem de séries televisivas americanas. No caso das manifestações de junho, podemos concordar com Felinto (2013) que os memes não parecem estar ligados a algum tipo de capital social dos atores, mas antes provêm de qualquer parte, em geral de anônimos e prevalece a dificuldade em se identificar a origem. A característica viral que o meme assume, entretanto, faz com que ele adquira uma “dimensão política importante” (Felinto, 2013, p. 11).

Participantes das marchas contam suas histórias, divulgam fotos e vídeos. Vídeos publicados no YouTube são compartilhados e comentados no Facebook. Pessoas que tiveram algum contato com as manifestações nas ruas descrevem episódios que singularizam sua participação nestes eventos. Moradores próximos às áreas onde houve repressão policial escrevem sobre seu temor de novos acontecimentos similares. Relatos de situações experimentadas em relação aos protestos são postadas a partir de fotos e de textos escritos, algumas vezes imediatamente após os acontecimentos – ou tão logo haja condições para fazê-lo. Além dos relatos sobre os protestos e repressão policial nas ruas, há um acompanhamento posterior: situação dos detentos, bastidores das delegacias, denúncia de prisão de pessoas que estavam indo ao trabalho ou para casa. Estes relatos,

fotos e vídeos se disseminam rapidamente, graças ao compartilhamento de muitos para muitos, em lógica de rede.

Membros do Facebook compartilham fotos de seus amigos, do jornalismo, de desconhecidos. Ao compartilhar fotos e postagens jornalísticas e de contatos (ou o que chega através de contatos), as pessoas agregam seus comentários sobre os acontecimentos. Em postagem com compartilhamentos de foto da manifestação no centro de Porto Alegre, uma pessoa de minha rede comenta: “manifestações em prol de um transporte público acessível são muito mais que um apelo por passagens baratas. Trata-se da defesa de um modelo de cidade, onde as pessoas se desloquem juntas”.

Fotos (muitas delas, jornalísticas) são compartilhadas durante toda a sexta-feira, inúmeras vezes, e mostram planos gerais, dando a entender a dimensão dos protestos, mostram a ofensiva da polícia, mostram cartazes, expressões e ações dos manifestantes. Relatos sobre a existência de jornalistas entre os feridos ampliam a repercussão do acontecimento sob a lógica de quem estava envolvido com os eventos. Pelo Twitter, no dia 13, uma jornalista da Band relata o que acompanha. No dia seguinte, a fotografia de tela contendo as postagens da jornalista se espalha pelo Facebook.

No dia 14, enquanto os relatos de jornalistas feridos continuam circulando, há críticas sociais ao fato de a cobertura ter sido ampliada por causa dos jornalistas a trabalho que foram feridos. Um dos relatos é de um repórter preso “por porte de vinagre”, item que reservava para usar nos olhos para minimizar o efeito do gás pimenta, prevendo o resultado de algum tipo de ação da polícia sobre os manifestantes durante sua atividade de cobertura. O caso tem elementos cômicos e trágicos tão acentuados que se torna um dos centros de compartilhamento e comentários, e motiva até a organização de páginas no Facebook, incluindo uma chamada a um protesto denominado “V de Vinagre” (em alusão ao filme “V

de Vingança”). Esta marcha volta a circular como elemento noticioso na mídia. Rapidamente, o relato do jornalista preso por porte de vinagre se transforma em conteúdo tratado com humor, com comentários indignados, e ironia. Este tipo de repercussão criativa adota características midiaticamente desenvolvidas, como o estilo das charges, as referências a acontecimentos circulares, o uso de ilustrações, a associação a personagens conhecidos. Tais características são acionadas desde as lógicas de realização do próprio Facebook, como estilo de frase, organização do meme e potencial de compartilhamentos.

Ao anoitecer do dia 14 de junho, fotos tiradas dos/por participantes dos protestos são espalhadas rapidamente, mostrando jovens que carregam cartazes fazendo a crítica às falas contrárias aos protestos. A replicação intensa das fotos torna praticamente impossível definir o ponto de origem, embaralhando-se fotos dos protestos de 13 de junho (dia da repressão policial), com fotos anteriores e posteriores. Uma destas fotos contém crítica à própria atividade dos usuários no Facebook, é bastante compartilhada e passa a circular outra vez em empresas jornalísticas, realimentando o circuito.

No espalhamento de informações, ocorre o cruzamento de dados. Entre os casos registrados, a história narrada por uma pessoa acaba sendo atestada por vídeo gravado e feito circular por outra. Um homem saía do trabalho quando presenciou uma situação de agressão policial a jovens não envolvidos em atos violentos. Ele relata a cena em sua conta do Facebook. Com milhares de compartilhamentos, o texto chega a outra pessoa, que estava no mesmo local e gravou um vídeo. Esta pessoa deixa um comentário no texto, agregando o link para um vídeo. O autor do texto responde, agradecendo pelo link, e compartilha o vídeo em sua conta do Facebook, acrescentando, ao relato anterior, a observação: “Taí a prova. Eu estava neste momento lá”.

Juntamente com estas informações que provêm de quem participava dos protestos, aparecem narrativas pessoais que endossam as críticas levantadas pelo Movimento Passe Livre quando da organização dos protestos contra o aumento da tarifa. Os relatos tratam de situações constrangedoras nas viagens em vagões lotados, do sofrimento de assédio, da ausência de condições que viabilizem a opção de deixar o carro para andar de transporte público. Esta solidariedade com os motivos das manifestações faz com que as pessoas anunciem sua participação nos protestos seguintes, independentemente da cidade em que se encontram. A participação nos protestos é manifestada como desejo de quem posta, como realidade de quem havia anteriormente participado de alguma marcha e estimulada em comentários e compartilhamentos das cidades mobilizadas. Na sexta-feira, 14 de junho, manifestantes em outras cidades se solidarizam com feridos de SP.

Outras pessoas, impossibilitadas de participarem diretamente das manifestações, incorporam os protestos como parte de suas lógicas de participação no Facebook. Pessoas cuja linha de postagem envolve a publicação de episódios cômicos ou inusitados do cotidiano constroem textos reflexivos sobre os protestos, mas ao mesmo tempo mantendo o estilo redacional ligado aos fragmentos de cotidiano: “discuti com as pessoas que mais amo por causa do assunto”. Nestas incursões, surgem, em vários comentários, as análises sobre a transformação do acontecimento, em termos de número de participantes e enquadramentos. Em outros casos, há referências ao modo como o acontecimento muda as atividades diárias, a forma como o assunto foi tratado no trabalho, o que o participante viu na televisão, como leu os jornais, como vai usar o assunto em sala de aula.

Como é comum aos usuários do Facebook, a associação com atividades comuns do dia a dia leva em conta algum tipo de fenômeno midiático contemporâneo, que tem a ver com os

usos da mídia vitalizando as interações e repasse de informações, algumas vezes seguindo a lógica da crítica via recurso irônico. Alguns usuários adotam uma imagem divulgada pelo MPL como símbolo de seu perfil, em lugar da foto pessoal. As reflexões pessoais são, ainda, associadas a outros produtos culturais, trechos do hino nacional, músicas conhecidas, palavras de ordem. Textos midiáticos, literários e humorísticos anteriores aos protestos são relacionados às interpretações sobre o acontecimento, na linha de condenação à repressão e contra a ideia de que se reclamava por centavos.

Na sexta-feira, 14 de junho, empresas jornalísticas cujos editoriais falavam em ofensiva mais dura da polícia, divulgam notícias enquadrando a repressão policial nos âmbitos institucionais da segurança pública (Página do Estadão, 14 de junho de 2013). Embora algumas matérias jornalísticas sejam compartilhadas, cresce a crítica midiática, que inclui avaliações negativas sobre a pressão pela ação da polícia, que acontece conjuntamente à crítica à instituição policial. Pessoas contestam informações de mídias corporativas usando informações espalhadas por participantes dos protestos. Postagens falam sobre a necessidade de se espalhar informações. Algumas denunciam suspeitas de que seus conteúdos estejam sendo vigiados no Facebook. Entre as atividades de comentários, pessoas analisam, discutem e criticam os textos umas das outras. Análises de atores do campo acadêmico também passam a circular no Facebook. Outras instituições também manifestam-se publicamente acerca dos eventos, como o sindicato dos jornalistas, pedindo garantias para a realização da cobertura.

Estudantes de comunicação e pessoas variadas acionam seu conhecimento de mídia, do modo de interação com empresas corporativas, para alertar sobre a diferença dos fluxos informacionais acompanhados naquele período, em fluxos de redes digitais, e

outros períodos históricos. Este tipo de análise em geral é feito em comentários de quem não esteve nos protestos, mas teceu considerações a respeito do acontecimento e circulou suas ideias entre seus contatos, que utilizaram as possibilidades de compartilhamento para espalharem tais informações pelas redes digitais.

4. Pluralidade de falas nas manifestações pós-repressão policial

Após a intensa circulação de conteúdos em mídias sociais e da multiplicação dos protestos, a Folha de S. Paulo, contrariamente ao edital publicado em 13 de junho, publica um vídeo, em seu canal do YouTube, cujo tom predominante é favorável aos protestos e que expressa, pela voz da jornalista atingida por uma bala de borracha, a discordância com a repressão policial e a confirmação da versão sustentada pelo MPL, de que não havia confusão até a intervenção da polícia. O vídeo, com 12'31" começa com a declaração de um jovem negro, ao lado de outro jovem que tem uma camisa no rosto (o que passa a ser uma marca dos movimentos de junho, como tentativa de proteção contra o gás de pimenta): “me espanta a sociedade ser contra um protesto que é a favor de uma causa pública”. A trilha sonora dá o tom trágico da narrativa, que mescla imagens de ônibus e trens superlotados com imagens e sons de tiros, correria na rua, prisões e confrontos.

Com a repercussão e intensa comoção, o MPL convocou um ato para 17 de junho de 2013 e a quantidade de memes se multiplicou. Simultaneamente às multidões nas ruas, um tom humorado, otimista e encorajador das manifestações acompanha o texto que diz: “não são apenas R\$0,20”. O teor da campanha percorre o mundo e artistas e famosos locais e internacionais abraçam a ideia, incluindo o dono do Facebook, Mark Zuckerberg, que

aparece sorrindo, segurando cartaz: “it’s not 20 cent’s. #changeBrazil!”. Apesar de escrito em inglês, a palavra Brasil adota grafia em português.

Em 17 de junho, as marchas convocadas pelo Movimento Passe Livre são agendadas em todo o país. Em 12 capitais, mais de 300 mil pessoas compareceram ao chamado. Enquanto as marchas aconteciam, em entrevista no programa Roda Viva, dois representantes do Movimento Passe livre respondiam a questões variadas, no dia das grandes mobilizações de rua, 17 de junho de 2013. Os jornalistas requerem postura de entidade do MPL. A seu turno, os representantes insistem no caráter de movimento social, falam de sua participação em conselhos populares e audiências públicas e afirmam que a pauta da redução da tarifa era a pauta das ruas, apesar da multiplicação de demandas possibilitada pelo rápido espalhamento em redes digitais – e consequente aglomeração de públicos dispersos, diferentes daquele originariamente convocado pelo MPL.

As manifestações que reuniram dezenas de milhares de pessoas nas principais capitais do país e muitas outras cidades foram contadas com fotos mostrando a aglomeração urbana, durante o dia, e as ruas cobertas por pessoas iluminadas pelas luzes amarelas das avenidas, durante a noite. Na seção foto do “Amanhecer Estadão”, o jornal publicou uma foto de uma leitora, com a imagem da bandeira do Brasil, cercada por pássaros, e tendo atrás de si um imenso céu azul. A manchete de capa dá o tom da mudança de enfoque: “Protesto se espalha pelo País e políticos viram alvo”. As fotos em planos médio e conjunto mostram agrupamentos de pessoas com bandeiras do Brasil e faixas tratando de saúde, educação, Copa do Mundo. Nos sites de redes sociais, pessoas postam fotos de sua participação nas marchas.

De 17 a 20 de junho, foram realizadas marchas diárias nas principais capitais do Brasil. No dia 17, primeiro dia de manifestações

orquestradas nacionalmente, houve transmissão ao vivo pelos principais canais de notícia. No dia 20, calcula-se que pelo menos 1,4 milhões de pessoas estiveram presentes nas manifestações. Noticiários concentraram suas agendas na cobertura dos protestos. A publicidade foi invadida por um caráter patriótico e convocatório. A Fiat fez circular o vídeo “Vem para a Rua” durante emissões televisivas dos protestos – vídeo originalmente feito em alusão à Copa do Mundo e cujo slogan foi apropriado inicialmente pelo MPL e depois por todos os manifestantes, em postagens no Facebook e em cartazes levados às ruas. Folha de S. Paulo e Estadão falavam em averiguação de abusos policiais. Arnaldo Jabor gravou um vídeo dizendo que havia cometido um erro.

Em análise cartográfica sobre as menções a palavras-chave relacionadas às manifestações, em redes sociais, os autores Arles, Pimentel e Silveira (2013) apontam que os dados indicam “que o ponto de inflexão foi a manifestação do dia 13. A grande repercussão da violência policial aumentou enormemente o sentimento de indignação que foi combustível para a *automobilização social* e para o disparo de um mecanismo veloz de *auto-comunicação de massas*”.

Essa avaliação, sobre o ponto de transformação, vinha sendo feita por cientistas e ativistas políticos, enquanto os fatos eram vivenciados, como em texto de Venício de Lima, publicado em 20 de junho de 2013: “apesar da proximidade cronológica, parece razoável observar que o estopim para as manifestações populares que estão ocorrendo no país foi o aumento das tarifas do transporte coletivo e a repressão violenta da polícia (vitimando, inclusive, jornalistas no exercício de sua atividade profissional)”.

Outra avaliação que ocorre concomitantemente ao desenrolar do acontecimento é de que a massificação da participação das pessoas também resultou num espalhamento do foco de atenção principal.

Enquanto o Facebook é o grande palco das convocações para as manifestações em todo o País, o Twitter virou o canal onde são postadas as mensagens de incentivo para que os atos continuem. Na noite dessa segunda-feira (17), após pelo menos dez capitais brasileiras registrarem passeatas, as hashtags mais citadas no microblog foram

#VerásQueUmFilhoTeuNãofogeALuta,
#ParabensAoBrasilVamosContinuarComTudo e

#GritaSemTerMedoBrasil. Esses três assuntos figuraram nos Trend Topics durante a maior parte da noite (UOL, 20 de junho de 2013).

Entre os principais compartilhamentos, destacam-se o site do jornal Estadão (SP) e páginas independentes no Facebook, não ligadas a sindicatos, movimentos consolidados, partidos políticos e grupos midiáticos. A participação de pessoas diversas, sem vínculo com estes grupos, também se relaciona ao tipo de expansão de menções ao tema. “Quando comparados o volume de postagens do primeiro e do último dia do período considerado encontramos um aumento de mais 40 vezes (8.750 mensagens no primeiro dia, 361.711 resultados de busca no último dia)” (Arles; Silveira; Pimentel, 2013).

“O número de *tweets* com a palavra ‘protesto’ no dia 17 superou os 300 mil. No dia 20, foram mais de 50 mil *tweets*” (Malini, 2013). Malini observa que as palavras gerais “protesto” e a hashtag “vem para a rua” aos poucos dão lugar a outras. “Agora se precisa falar contra a polícia que mata o Amarildo, porque se precisa regionalizar essas lutas, falando de #protestoBH e #protestoCE”.

Se num primeiro momento havia consenso com a pauta sobre o transporte coletivo, as análises rapidamente diagnosticaram a abertura para um conjunto de questões que passaram a ser pautadas pelos protestos. A manifestação para haver manifestação aparece

como grande eixo de crítica ao Estado e ao sistema midiático, com ocorrência de protestos aos partidos políticos e ao trabalho de jornalistas. Sobre a restrição ao trabalho dos jornalistas, o relatório da Abert destaca “agressões e intimidações à população e a jornalistas, além de atos de vandalismo contra veículos de comunicação” (*apud* Agência Estado, 2013), envolvendo forças policiais e manifestantes.

Venício de Lima (2013) nota um paradoxo entre as ações de negação do jornalismo (mídia) e a demanda, ainda presente, nos manifestantes, de acesso à voz no espaço público, via sistema midiático. Uma ligação entre instituição midiático-jornalística e manifestações é observável na relação entre o comentário político de Arnaldo Jabor minimizando os protestos em decorrência do reajuste da tarifa (R\$0,20) e a eclosão de uma fala pública sobre o assunto: “não são apenas R\$0,20”. Este índice é observável na pesquisa de Silveira e Pimentel. Análises com maior distanciamento temporal (não exploradas neste texto) passam a buscar as vinculações históricas dos protestos de junho de 2013, abarcando as condições de vida na cidade, representação política (Braga, Ruy), ao sistema político, ao direito de se manifestar (Nobre, 2013), à pressão sobre o jornalismo (Silva, 2013).

5. Considerações finais

As marchas promovidas pelo Movimento Passe Livre desde sua origem projetavam os elementos de sua própria midiaticização. A escolha das frases para os cartazes, a tônica sobre a afirmação da irreversibilidade da demanda, a sincronia do discurso dos membros do movimento (evitam falar de si mesmos, tratam de questões públicas, não privatizam a causa ao movimento, usam dados em todas as entrevistas) e o discurso irônico em comentários, sobre um trânsito já parado, confirmam a capacidade de projeção discursiva:

“Se a tarifa não baixar, São Paulo vai parar”. Há fotos dos cartazes feitos com canetas coloridas, das faixas pintadas em panos pretos com tinta comum, há registros de atividades coletivas remetendo ao bloqueio de ruas. Há uma sincronia e uma redundância sobre a pauta, que qualificam o espalhamento em redes digitais.

Quando temos interações contínuas, espalhadas em diversos pontos sociais, conectados via sistema de compartilhamento de ideias entre indivíduos, nós temos uma transformação nas lógicas da “situação interacional” e nas lógicas da comunicação midiática a ela concernentes. Isto faz com que ocorram transformações nos dispositivos interacionais mais habituais, e na forma como construímos os elementos que embasam nossas relações sociais.

Nos dispositivos de espalhamento e recriação, observamos que se cruzam espalhamento de informações e relatos (incluindo elementos textuais, fotográficos, audiovisuais) de pessoas que se vinculam de algum modo ao acontecimento, comentários de pessoas que participaram ou não diretamente dos acontecimentos, postagens que ressignificam conteúdos a partir de associações com aspectos históricos e de produção midiática anteriores. Um aspecto interessante é notar que este acontecimento é assim vivido pelas pessoas que o comentam, em atividades de vinculação aos contatos pessoais, e a partir da combinação de todas estas ações com coisas sendo feitas no cotidiano de cada um (o tipo de deslocamento ao trabalho, o tipo de vida que se leva, os lugares que se frequenta).

Neste fluxo de postagens, comentários, informações, elaboração de produtos midiáticos fora do campo empresarial da comunicação, nota-se que o campo acadêmico e midiático se diluem, posto que a vivência acontecimental está distribuída em pontos de conexão, sem que haja um nível de distanciamento. O engajamento com os eventos ocorre na mesma hora em que eles acontecem – e estes eventos são deliberadamente usados/recontados a partir dos

rastros de informações dos outros, sendo assumidos como parte do que se está fazendo naquele período de tempo. É isto que faz com que se dilua a diferenciação entre recepção e produção. Não porque não há nada sendo produzido ou “consumido”, mas porque tudo está em intenso ritmo de circulação – uma característica central dos dispositivos de recriação e tensionamento.

Outra característica tem a ver com as possibilidades tecnológicas e seus usos sociais. Na combinação entre a instantaneidade e o contato permitidos pelos dispositivos móveis e pela internet, há uma extensão das fronteiras deste acontecimento inicial, que se dilui entre várias pessoas, na forma de constituição de uma rede de participação na própria acontecimentalização, fora da mídia e sem tempo e espaço entre quem está diretamente no evento e quem com ele se engajou via redes digitais. A centralidade do acontecimento é a circulação. Assim, formas de “representação” do acontecimento se formam, se espalham e se diluem tão rapidamente a ponto de caracterizar, ao invés de uma posição argumentada sobre o acontecimento, uma partilha de sentimentos imediatos, construídos em contato com outros, pela experiência tecnológica e mediatizada do acontecimento. Sente-se e comenta-se simultaneamente. Neste ponto, os algoritmos passam a ter um papel significativo nas interações, ao medir, qualificar e projetar nossas formas de reação, pela seleção do conteúdo a ser lido e pela oferta de nosso próprio material para outras pessoas.

Estes dois pontos (reação emotiva imediata associada a um comentário, postagem, ou manifestação sobre algo; e qualificação da informação via algoritmo) reconfiguram as características do que chamamos de elementos objetivos que se colocam entre as diferentes subjetividades. Coisas que não imaginávamos tomarem uma dimensão pública e atingir uma variedade de pessoas, como sentimentos passageiros e reações, compõem conjuntamente a

caracterização de um acontecimento, diluído em redes digitais e midiático. E este modo de viver a realidade, transformado, também age profundamente sobre os episódios comunicacionais, tensionando os dispositivos interacionais. Uma questão que se interpõe é o tipo de ação política (tendo em conta ação consciente, organizada e intencional) que estabelecemos, nestas interações comunicacionais. Estes aspectos apontam para o desafio de amadurecer, como sociedade, o debate sobre as consequências desta redução entre o espaço reflexivo e os momentos de discussão pública e ações coletivas.

Sites e blogs citados:

ESTADÃO. Manifestantes fecham todas as faixas da Marginal do Pinheiros. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,manifestantes-fecham-todas-as-faixas-da-marginal-do-pinheiros,1040021,0.htm>

ESTADÃO. São Paulo cobrará prejuízos na Paulista do movimento. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,sp-cobrara-prejuizos-na-paulista-do-movimento,1040160,0.htm>

ESTADÃO. Manifestantes fazem quarto protesto por redução da tarifa de ônibus. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/estadao-urgente/manifestantes-fazem-quarto-protesto-por-reducao-da-tarifa-de-onibus/>

ESTADÃO. Servidores da área da saúde e delegados começam a reunir-se na Paulista para manifestação. <http://blogs.estadao.com.br/estadao-urgente/servidores-da-area-da-saude-e-delegados-comecam-a-se-reunir-na-paulista-para-manifestacao/>

FOLHA DE S. PAULO. Editorial: retomar a Paulista. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2013/06/1294185-editorial-retomar-a-paulista.shtml>

G1. GLOBO. PM apura vídeo que mostra policial danificando vidro de viatura. Disponível em [G1.globo.com/saopaulo/PM apura vídeo que mostra policial danificando vidro de viatura](http://G1.globo.com/saopaulo/PM%20apura%20v%C3%ADdeo%20que%20mostra%20policial%20danificando%20vidro%20de%20viatura). 14/06/2011.

FREITAS, Ana. Não é sobre 20 centavos, estúpido. Blog awesome randomness. Disponível em <http://awe-inspiring-randomness.tumblr.com/post/52896959452/nao-e-sobre-20-centavos-estupido>

YOUTUBE. Arnaldo Jabor falando sobre as manifestações. Canal Gigante Acordou. Publicado em 16 de jun de 2013. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RsYB2XpC7l0>.

Suíte nº 8

“As manifestações de junho, 2013”, de Eloísa Klein

José Luiz Braga

A expressão de Jenkins, Ford e Green adotada por Eloísa Klein – espalhamento – metaforiza bem os episódios observados, para caracterizar o sistema de relações nos acontecimentos comunicacionais de junho, 2013. O capítulo faz dois movimentos para dar especificidade ao termo em relação a seu observável. Primeiro, o associa à palavra “recriação”, fundamental para a compreensão do dispositivo e dos circuitos que o caso aciona e constitui. Reservando a reflexão sobre “recriação” para a discussão subsequente, relacionada ao processo produtivo dos episódios, vamos observar antes o outro movimento do texto – que é o de mostrar os diversos elementos heterogêneos que participam do espalhamento.

No âmbito mais imediatamente perceptível, é claro, se espalham as falas, em dispersão, através das redes, mas também da grande mídia, até se tornar o assunto mais divulgado no país, mais comentado no momento das ocorrências.

Essa “dispersão” em ações não coordenadas leva à multiplicação dos pontos de emissão. Eloísa cita, de André Lemos, a expressão “emissão generalizada”. Não apenas todos repercutem, mas *emitem*, em relativa sintonia – ou pelo menos em busca de referência a um mesmo eixo de ação. Mas também sem consultação prévia, sem plano ordenado para consistência. Dentre essas emissões, não é possível destacar focos prévios de fala autorizada porque as repercussões – inevitavelmente seletivas – o são não por

uma centralização programática, mas por igual espalhamento das decisões de selecionar, de dar repercussão a tais e tais falas e não a tais outras.

Um aspecto relevante mostrado no texto é a dos tipos de circuitos que assumem a disseminação dos fatos e das falas – do um lado, esse processo rizomático, entrecruzado, de pontos de emissão e de repercussão; de outro lado, a fala jornalística estabelecida, concentrada em formatações mais habituais de levantamento, seleção, posicionamento editorial e difusão canalizada.

O contraste de processos é elucidativo, pois de sua diferença decorre uma percepção das lógicas de uns e de outros. Ao mesmo tempo – mostra o capítulo – esses dois processos se repercutem mutuamente. Para discordar, mas também para fazer seguir adiante o que foi mostrado no outro lado – seletivamente, segundo as posições preferidas. E ainda para se criticar mutuamente, nas posições e nos processos.

Aqui entra outro tipo de espalhamento – já não só das vozes diretamente participantes e da imprensa. Dada a repercussão dos fatos e das falas, instituições sociais são chamadas a analisar as ocorrências, as posições e as próprias lógicas processuais. Falas acadêmicas acionam um processo que é um pouco de análise, um pouco de participação – como interpretação “a quente”. A distinção temporal e substantiva entre ocorrência e análise é um pouco esquecida, e as falas se engajam com suas próprias perspectivas interpretativas.

Outro espalhamento, ainda, aparece na diversidade dos meios de expressão, dos veículos acionados pela interação coletiva. Evidentemente, os meios digitais de rede contemporâneos, disponíveis para a sociedade, são presença marcante. Viabilizam uma comunicação rápida, difusa – mas também de ponto a ponto, e fazendo ponte para veículos com recursos mais sistematizadores. Os

processos da internet, em geral, participam fortemente da difusão – ao vivo, mas também diferida. O lado da imprensa, de sua parte e com suas posições, comparece com a panóplia habitual da grande mídia. Paralelamente, e no miolo das manifestações, os processos intensivos da oralidade, ladeados pelas técnicas mais tradicionais e caseiras, como cartazes de cartolina, escritos a mão.

O fato de que a interação tenha extravasado os meios e se espalhado entre eles, conectando-os em fluxos sempre adiante, é uma boa evidência de que, tão logo os circuitos se diversificam, os processos interacionais não se contêm nas lógicas da mídia, antes respondem a necessidades e desejos para gerar seus próprios processos e lógicas, fazendo a mídia fazer aquilo a que se propõem e direcionando as lógicas e o sistema de relações do episódio. É por isso que os episódios podem ser lidos pela observação do sistema interacional produzido – pelo modelo que aquilo expressa, como dispositivo e como circuito.

Constatamos no caso, aliás, certa dificuldade em distinguir “dispositivo” – enquanto ponto nodal de articulação – e “circuitos” – como concretização de um processo de circulação que se manifesta pela articulação entre diferentes “momentos” de interação, que se conectam. Um dispositivo que se dispersa parece ser, concomitantemente circuito; e circuitos entrecruzados, se mostram como contribuições internas de um dispositivo.

Nessa processualidade complexa de espalhamento, percebe-se a circulação/dispersão como base mesmo do processo produtivo. Mostra-se com clareza a ultrapassagem de uma perspectiva de produto como algo que circula, para vermos a produção como um processo relacionado, desde a origem, à circulação, em forte vinculação com as lógicas desta.

Nos episódios de junho, esses dois aspectos são quase indistinguíveis – a produção decorre da circulação e é uma de suas

dinâmicas principais. Explicita-se aqui aquele primeiro movimento do capítulo, na compreensão da especificidade do caso: a expressão “recriação” é articulada com o processo de espalhamento.

Como mostra Eloísa Klein, a diferença entre produção e recepção perde sentido. Uma ênfase nas duas processualidades é pertinente apenas para situações diferidas e difusas, como em TV e rádio, em que os dois momentos se destacam. Outros processos correspondem a outras situações – não se ganha em compreensão tomando-os como variante daquela lógica dualizada (como se nessas outras situações, tivéssemos ainda um processo dual agora apenas rejuntado). Seria como entender uma conversa de bar como simples somatória de momentos em que os participantes são ora produtores de fala ora receptores, mudando de perfil a cada momento – modelo que não ajuda a compreender a interação.

Aqui, nos eventos de junho, como claramente mostra o texto que comentamos, o que ocorre é uma imbricação inextricável de ações e falas, de escutas e repercussões. Tanto nos momentos de escuta como nos momentos de expressão, é a ação que os relaciona. Mais que isso: a fala é um componente direto da ação. É nesse ponto, creio, que ocorre um relacionamento estreito entre a participação “ao vivo”, na avenida, e a participação por redes informatizadas e outras mídias. Ambas parecem se consolidar como interação entre a ação “física” – ainda que pela simples presença – e a circulação de falas, mensagens, cartazes, notícias, vídeos e fotos. O cartaz de cartolina é um produto. Esse cartaz, mostrado em um vídeo ou foto, desdobra o produto, que em seguida é replicado, comentado, recriado; e pode estimular, na sequência, outros cartazes em sintonia ou contraposição.

Entre o produto que circula e a circulação que produz, a distinção se assemelha à alternância entre figura e fundo de alguns desenhos. Eloísa mostra uma ocorrência que ilustra bem essa

circulação-produção: o relato verbal de um incidente, que passa a circular – e mais adiante “encontra” um vídeo do mesmo incidente, produzido por outro participante. O sentido produzido pelo conjunto é o resultado em produto de características da circulação do acontecimento e ao mesmo tempo faz a circulação avançar.

Nesse ambiente, é interessante observar a geração e constituição de memes – com a “capacidade de serem copiados de um para outro, mas ao mesmo tempo sofrendo modificação, agregação de conteúdo”. Uma expressão qualquer, que faz sentido em situação compartilhada, é selecionada como expressiva, repercutida, aplicada a situações próximas (acionando práticas de metáfora ou analogia), até passar a carregar sua própria polissemia. Esse processo comunicacional, modo de composição entre indivíduo e grupos sociais, parece ter sempre existido: nos provérbios, nas frases feitas, nas máximas – que inicialmente foram ditas por alguém, com pertinência pontual para a situação em curso no momento da fala. Torna-se então, pela seleção, pela repercussão e por articulações com outras referências de realidade, fato social e código interacional disponível.

A grande diferença, na contemporaneidade, é que vemos o processo (tradicionalmente de longa ou longuíssima duração) ocorrer quase instantaneamente, diante de nossos olhos e ouvidos – acompanhamos seu percurso, da origem à disponibilidade generalizada. Para a compreensão comunicacional do processo, é preciso cotejar semelhanças e distinções entre os dois momentos, tradicional e atual.

A tentativa que implica a experimentação social das manifestações é claramente de ordem política. Mas é preciso, ainda, compreender o processo político-comunicacional em sua especificidade, evitando considerar apenas as relações de poder, as posições em debate, o sucesso ou insucesso das reivindicações pontuais, o

grau de viabilidade das expectativas abrangentes que pairavam sobre a disposição das pessoas.

No espaço assumido por esse livro – de perspectiva comunicacional – os aspectos políticos certamente modalizam a questão, como parte relevante do sistema de relações que compõem o dispositivo. Por outro lado, mais que as posições, é relevante refletir sobre a *qualidade política* impregnada no processo. O sentido político das manifestações parece estar mais no comportamento interacional dos participantes que na substância das reivindicações. Sabemos que grupos partidários, em determinado momento, se distanciaram justamente devido à reduzida diretividade das manifestações e ao acúmulo de expectativas não sistematizadas.

Sem entrar no mérito da eficácia de longo prazo dos procedimentos prevaletentes das manifestações, é preciso reconhecer que estes *compõem uma política* – e que essa política teve, durante certo tempo, a força de suas lógicas interacionais.

A ausência de uma diretividade forte leva a um espalhamento das reivindicações de toda ordem, com diversidade de temas, de alcance social, de grau de seriedade política e mesmo de posições no espectro em que nos habituamos a ordenar os programas políticos de longo alcance. Essa espontaneidade diversificadora viabilizou uma formidável agregação de motivações, que confluíram para a dinâmica participativa que se evidenciou. Todos os aspectos mostrados no texto de Eloísa – os processos e o material expressivo produzido – caracterizam uma política coletivamente acionada, através dos dispositivos assim gerados. O processo, articulando indivíduos e ação social, sem exigência de uma política muito concertada em termos prévios, não poderia deixar de ser euforizante.

O alcance temporal possível de tal encaminhamento é curto. O espontaneísmo interacional não gera prazos longos. Além disso, a agregação da diversidade propicia a participação de não convidados,

que trazem suas políticas (e ações) eventualmente desagregadoras. A construção de foco em situação de diversidade de ângulos solidaria debate e negociação, definição de prioridades e busca de dispositivos estáveis.

Mas se essas características interacionais, menos marcadas por códigos rígidos, levam a um fôlego de curto prazo, nem por isso se reduzem a superficialidade, inconsistência ingênua ou inanidade operacional. Há um subproduto diretamente comunicacional que corresponde, justamente, à percepção da possibilidade, ainda que rara, de interações abertas, de sintonias possíveis sem exigência de grandes concertações prévias e sem forçosa hierarquia. No mínimo, há uma aprendizagem de dispositivos e circuitos experimentais, aprendizagem que pode ser acionada – sempre com ajustes – para outras situações que o requeiram, pois esse é o processo mesmo da comunicação.